

BETAR & ART LETR

IndieLisboa '11

*O cinema independente está de volta.
205 filmes serão exibidos entre 5 e 15 de Maio*

B}
BETAR

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

ENTREVISTA
ARQ.
CRISTINA
SALVADOR



GOA[®]
GESTÃO DE OBRAS DE ARTE

SALVAGUARDE O SEU INVESTIMENTO

SISTEMA DE GESTÃO DE OBRAS DE ARTE
Conheça as suas Pontes

O Sistema de Gestão de Obras de Arte-GOA foi desenvolvido integralmente pela BETAR Consultores, tornando-a pioneira nesta área. Desde 1998 a BETAR assume-se como líder de mercado na Gestão de Obras de Arte

DEIXE-NOS OLHAR PELAS SUAS PONTES
Inspecções periódicas

A equipa técnica da BETAR conta com milhares de inspecções realizadas; tendo uma vasta lista de entidades que já recorreram aos nossos serviços



FICHA TÉCNICA:

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIRECÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDACTORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt

B
BETAR

Caros leitores,

Em Maio, as propostas culturais renovam-se e a Artes&Letras continua a tentar apresentar-lhe as melhores sugestões para os seus momentos de lazer.

No cinema, o destaque vai para o IndieLisboa, festival onde estarão em competição os melhores filmes independentes. Alternativos e inspiradores, chegam a Portugal, vindos de vários países do mundo, mais de duas centenas de filmes, alguns dos quais para serem exibidos em antestreia, ou mesmo, estreia mundial.

No que diz respeito a concertos, as nossas escolhas recaíram sobre o Estoril Jazz, onde constam bons nomes do jazz mundial; o CCBEAT, uma inovação na linha de programação musical do Centro Cultural de Belém; a cantora brasileira Ivete Sangalo e os Groundation, num tributo a Bob Marley.

Quanto a exposições, salientam-se a comemoração do centenário do Museu do Chiado, com uma exposição que conta a história da arte portuguesa de 1850 a 1910, e o World Press Cartoon, a mais importante exposição internacional de cartoons e caricaturas do mundo, onde estarão trabalhos de autores de todos os continentes. É, no mínimo, diferente.

No teatro, sugerimos que espereite duas obras bastante criativas: a peça *As peúgas de Einstein*, em cena n'A Barraca, e *O Jogador*, um espectáculo dividido em quatro episódios, no Teatro São Luiz.

E como já vem sendo hábito, este mês entrevistámos mais uma personalidade da arquitectura nacional. Desta vez é a Arq. Cristina Salvador que nos conta um pouco das suas experiências. A primeira mulher a ter a palavra na Artes&Letras fala-nos das compensações e dificuldades da profissão.

MARIA DO CARMO VIEIRA

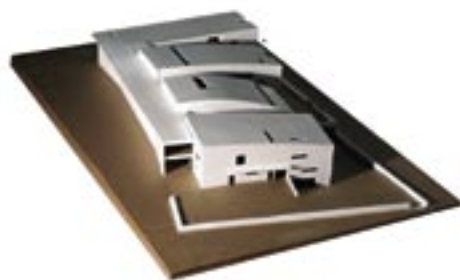
EDITORIAL

‘A experiência no Namibe foi como chegar ao fundo da questão, àquilo que não se reveste de mais nada.’

Conheça o projecto da Arq.^a **Cristina Salvador**, que lhe valeu um Prémio Fernando Távora. Por Cátia Teixeira



Auditorio Augusto Cabrita no Barreiro



Centro de Saúde da Expo98 (maquete)

É a primeira mulher a ter a palavra na Artes&Letras. Foi difícil entrar na profissão por ser mulher?

Quando eu iniciei a profissão, aconteceu-me uma situação “engraçada” enquanto trabalhava com o Arq. Manuel Taíña. Fomos a uma obra e, a certa altura, o Arq. disse ao empreiteiro que resolvesse um determinado problema comigo. E o homem desatou a rir como se fosse uma perfeita anedota. Ele achava que uma mulher, ainda por cima nova, não podia resolver-lhe nenhum problema. No início isto passava-se nas obras. Era complicado. Foi um terreno que se foi conquistando e que, felizmente, foi ultrapassado. Foi uma luta, em todas as profissões. Agora já não é assim, embora nós tenhamos sempre um trabalho, que é o trabalho em casa, que acresce ao horário em que exercemos a profissão. É uma posição ligeiramente mais difícil.

Deserto e Arquitectura são duas palavras que chegam a ser contraditórias. Porque é que decidiu deslocar-se até ao deserto do



Edifício Eborim, em Évora

Namibe para fazer um trabalho de investigação?

Percebe-se, perfeitamente, qual é a razão dessa pergunta. Foram várias as razões mas houve, essencialmente, uma: eu achei que precisava de entender aquilo que ocorre, em termos de construção, em situações extremas, geográficas, neste caso; embora também me interessem outras situações extremas, como as económicas, nomeadamente, nos bairros de construção precária. Isso importa porque, no fundo, permite entender como é que é possível que haja, apesar de tudo, construções – que, no caso do deserto, são abrigos para os pastores – tão interessantes, sob o ponto de vista de gestão de recursos, e até, esteticamente. É como chegar ao fundo da questão, àquilo que não se reveste de mais nada a não ser a função para que se destina e o material restrito que é possível utilizar. Fui em busca destas situações emocionantes, do ponto de vista de quem olha, que são resultado de uma gestão dos recursos e da função a que se destinam e que, muitas vezes, são

completadas com coisas que têm que ver com a maneira como as pessoas reagem a esses mesmo recursos. E encontrei muita coisa. Para aquilo que eu queria, que era tentar chegar ao osso da questão, a experiência ajudou. É muito importante, para mim, arquitecta, e se calhar para todas as pessoas relacionadas com a construção, perder algum tempo com estas questões. Foi uma experiência bastante importante porque me obrigou a reflectir sobre o tema, tendo sido objecto de uma conferência, o que me obrigou a juntar as reflexões que fui fazendo e que continuam até hoje, não parando mais. Obrigou-me a dar mais ou menos importância a determinadas coisas que, por vezes, ocorrem na minha profissão e que, se calhar, não são tão importantes assim.

A sua carreira profissional está extremamente ligada a Angola e chegou a referir que existe uma “clivagem entre Luanda e o restante território angolano”. Qual é que acha que é a solução arquitectónica para aquele país?



ENTREVISTA

As soluções para os problemas urbanísticos das cidades africanas, em geral, têm de ser encontradas localmente. Eu participei em alguns trabalhos de investigação na área do urbanismo, nomeadamente na comparação entre a cidade de Luanda e Maputo, que foi um trabalho que me interessou muito e com o qual aprendi imenso. Com esses trabalhos, apercebi-me que cada cidade tem condições próprias e que as soluções têm de ser encontradas no seu seio. Investigadores podem ajudar mas as soluções têm de ser locais. Eu tenho muito gosto em reflectir sobre isso e, em essa reflexão servir para alguma coisa, tenho todo o interesse nisso. No caso de Luanda, é uma cidade que tem problemas muito graves, estruturais, problemas de infra-estruturas e equipamentos, que têm de ser encarados como um problema geral, do centro da cidade até às áreas de expansão, e que tem de ser visto com cuidado e preocupação, e não ser dada atenção só às questões mais visíveis.

Quais são os condicionamentos que mais interferem na actividade do arquitecto?

Tudo tem a sua influência. De uma maneira geral, nós não escolhemos os projectos em que vamos participar, não temos essa opção, são encomendas. A nossa profissão é encontrar soluções para problemas concretos e jogar com o tipo de obra, com o que é possível fazer e com as verbas disponíveis, em cada situação concreta. Os problemas têm vindo a alterar-se. Neste momento existe uma grande dificuldade no sentido de ser necessário existir um enorme detalhe sobre o que se vai construir, num tempo muito curto, o que não permite que os projectos sejam apurados, ou bem vistos em todas as suas aplicações. É um esforço que se tem de fazer, e que reflecte uma urgência de construção, porque temos de



Escola Básica EB 1,2,3 de Gondifelos

apresentar alguns projectos em tempos recorde, o que leva a muito stress. Estas situações prejudicam os resultados.

Tem vários projectos realizados em parceria com a Betar. Há algum que a tenha marcado particularmente?

O edifício no Alto do Longo, de coordenação minha, que começou com o Eng. Rocha Cabral, e depois continuou com a Eng.^a Maria do Carmo, foi um projecto que me deu um enorme prazer fazer e que está construído. O que é gratificante porque há alguns projectos não foram construídos, o que ainda dói muito. E esses acabam por ser mais marcantes do que as obras feitas que seguem o seu caminho. A escola básica EB 1,2,3 de Gondifelos também foi um projecto interessante. Iniciou-se com um concurso, houve uma altura em que era possível concorrer aos concursos que nos interessavam mais e esses projectos eram sempre muito mais interessantes de fazer. Empenhávamo-nos muito porque nos interessava fazer aquele trabalho. Isso agora não acontece tanto. Houve alguns concursos especialmente estimulantes.

TEATRO

Einstein foi um pensador, um génio. Recebe agora um justo reconhecimento numa peça biográfica que não deve perder. *O Jogador* é outra opção a considerar.

As peúgas de Einstein

Albert Einstein nasceu a 14 de Março de 1879 na Alemanha. Levou tanto tempo a aprender a falar que os seus pais o supuseram anormal. Os professores diziam-no inadaptado. Tinha poucos amigos e evitava as brincadeiras próprias das crianças. A sua timidez manteve-se ao longo da vida. Diz-se que um dia disse a uma escritora: “Quer que lhe diga um segredo? Não uso peúgas”. *As Peúgas de Einstein* expõe as teorias científicas do grande génio da Física de uma forma lúdica e acessível, ao mesmo tempo que traça um quadro de todo o século XX através da sua biografia. É fascinante o rol de personalidades que privaram com Einstein: Lenine, os professores de Berlim, Lenard e Max Planck, seguidores de Hitler, Roosevelt presidente dos USA, Marilyn Monroe, Arthur Miller, Paulette Godard e Charlie Chaplin.



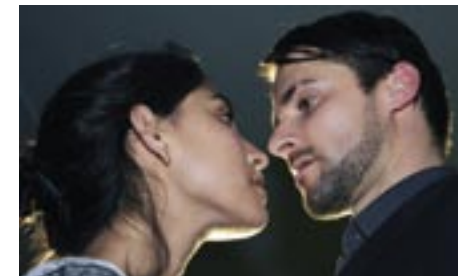
A Barraca

Preço: €12,50

Data: Até 10 de Julho – Qui a Sáb às 21h30 e Dom às 16h

Encenação: Hélder Costa

Interpretação: Sérgio Moras, Rita Fernandes, Ruben Garcia e Vânia Naia



O Jogador

Interligando a actualidade com a literatura universal, a partir da adaptação do romance homónimo do autor russo, Fiódor Dostoiévski, Gonçalo Amorim propõe-nos uma reflexão sobre a loucura, o vício e a sedução (do amor e do dinheiro). Como se de uma série se tratasse, *O Jogador* é um espectáculo dividido em quatro episódios, espalhados ao longo de vários dias, cabendo ao público escolher vê-los ou não a todos e, ou não, por ordem. A história decorre em Roletemburo, num Hotel, num ambiente de casinos. Diz o encenador que “há um trabalho sobre o tempo: tempo nosso que dividimos a acção do romance em episódios e brincamos com os momentos de aceleração e de suspensão, deixando-nos absorver pela intriga. Tempo das personagens que se encontram num espaço aparte do mundo, organizado em torno da vertigem da Roleta”.

Teatro São Luiz

Preço: €5 cada episódio

Data: De 5 a 21 de Maio – Qua e Qui às 21h e Sex a Dom às 18h

Encenação: Gonçalo Amorim

Interpretação: António Fonseca, Carla Galvão, Carla Maciel, Duarte Guimarães, Iris Cayatte, Joana de Verona, João Villas Boas, Mónica Garnel, Nicolas Brites, Raquel Castro, Romeu Costa, Vânia Rovisco

Este mês, o destaque do cinema não podia deixar de ir para o festival de cinema independente IndieLisboa. Se gosta de criatividade e irreverência, passe por lá.

NO GRANDE ECRÃ

Num Mundo Melhor

Uma personalidade singular



Título original: Haevnen
De: Susanne Bier
Com: Mikael Persbrandt, Trine Dyrholm, Ulrich Thomsen, William Jøhnk Juels Nielsen, Markus Rygaard
Género: M/12
Classificação: Drama
Dinamarca, 2010, 116 min

Moralidade, ética, revolta, vingança. Estas são algumas palavras que nos invadem a mente quando vemos este filme. *Num mundo melhor* sugere-nos duas realidades muito distintas: um país africano em guerra, onde Anton é médico sem fronteiras num campo de refugiados, e uma Dinamarca, dita civilizada, onde os valores humanos são postos em causa por duas crianças. Chistian é um miúdo inconsequente, que vive revoltado e só pensa em retaliar o mal que vê à sua volta, enquanto que o tímido Elias deixa-se influenciar pelo amigo, a quem é cegamente fiel. Confrontadas com situações de injustiça, e apesar dos bons conselhos do médico, cujos valores de tolerância e respeito são acima da média, as crianças respondem sempre com base na vingança. No final, um outro sentimento se eleva: o perdão. Um justo vencedor do Globo de Ouro e Óscar de Melhor Filme Estrangeiro.

Sem Destino

Uma reflexão sobre o cinema



Título original: Road to Nowhere
De: Monte Hellman
Com: Cliff de Young, Waylon Payne, Tygh Runyan, Shannyn Sossamon, Dominique Swain
Género: Drama
Classificação: M/12
EUA, 2010, Cores, 120 min

Quase quarenta anos depois da obra-prima *Two Lane Blacktop*, Monte Hellman regressa ao grande ecrã com *Road to Nowhere*, que é, segundo o próprio realizador, “um enigma impossível” que explora o cinema tal como ele se faz e vê hoje, sem esquecer os pormenores que sempre caracterizaram a sétima arte. Mitchell é um realizador que descobre o argumento perfeito para o seu filme na história verídica de dois amantes: a jovem e bela Velma e o político norte-americano Rafe Tashen, envolvidos num escândalo que culmina no suicídio de ambos. Fascinado com o enredo, Mitchell encontra em Laurel, a encarnação da beleza e carisma que procura para a sua personagem principal. Mas com o passar do tempo, e cada vez mais envolvido na trama, a linha entre a ficção e a realidade começa a desvanecer-se. Um filme dentro de um filme premiado com um Leão de Ouro Especial no Festival de Veneza.



IndieLisboa '11

O cinema independente está de volta. 205 filmes desafiantes e originais, 28 dos quais em estreia mundial, serão exibidos, entre 5 e 15 de Maio, no Cinema São Jorge, na Culturgest, no Teatro do Bairro e na Cinemateca Portuguesa.

A 8ª edição do Festival Internacional de Cinema Independente inaugura com duas ficções. No dia 5, às 21h15, o Grande Auditório da Culturgest recebe a primeira sessão com o filme *Carlos*, de Olivier Assayas, que retrata uma figura chave do terrorismo dos anos 70 e 80, conhecido como o Chacal. No mesmo dia, às 21h30, a cerimónia de abertura oficial acontece no Cinema São Jorge, com *Les Amours Imaginaires*, de Xavier Dolan, que regressa ao IndieLisboa com uma história sobre dois amigos que se apaixonam pelo mesmo rapaz. O filme esteve no 63º Festival de Cannes e é mais uma antestreia no festival. Também em antestreia vão estar os filmes *Post Mortem* de Pablo Larraín, *Neds* de Peter Mullan e *Meek's Cutoff* de Kelly Reichardt, todos eles com estreia em sala depois da exibição no festival. Destacam-se ainda os filmes *Kaboom* de Gregg Araki, *Essential Killing* de Jerzy Skolimowski,

Mulberry St. de Abel Ferrara, *Homme au Bain* de Christophe Honoré, *Tabloid* de Errol Morris e *A Letter to Elia* de Martin Scorsese e Kent Jones.

Tindersticks em concerto com filmes de Claire Denis

Dia 11 de Maio, o IndieLisboa traz a banda de Stuart Staples de volta à capital, desta vez para um concerto único. Trata-se de um espectáculo que reúne a música dos Tinders-ticks com o cinema de Claire Denis. A banda inglesa vai colocar algumas das músicas que criou, para seis filmes da realizadora francesa, em diálogo com as imagens dos filmes que as inspiraram. Um concerto exclusivo no país e que só vai ser apresentado em alguns locais do mundo.

Herói Independente

Este ano o IndieLisboa prestará homenagem ao realizador Júlio Bressane, exibindo 17 dos seus filmes, na secção “Herói Independente”, numa das mais completas retrospectivas alguma vez dedicadas a este nome incontornável da história do cinema brasileiro.

Jazz, música brasileira, música urbana, reggae e concertos clássicos. As propostas não podiam ser mais diversificadas. Em Maio há música para todos os públicos, para todos os gostos.



Estoril Jazz 2011

De 27 de Maio a 5 de Junho no Casino Estoril

JAZZ

O Auditório do Casino Estoril recebe, no final deste mês, a XXX edição do Estoril Jazz, festival que tem como principal objectivo a divulgação da música Jazz através de concertos ao vivo com músicos e grupos de primeiro plano da cena internacional. No cartaz constam os nomes de Jack Walrath, Anat Cohen, Tia Fuller, o português Mário Laginha, Hal Galper e Joe Lovano.



Ivete Sangalo

Dia 18, às 21h30 no Pavilhão Atlântico

BRASILEIRA

Ivete Sangalo é uma das cantoras mais brilhantes da história da música brasileira. Começou a cantar nos bares de Salvador, aos 18 anos, e alcançou sucesso ainda como vocalista do grupo “Banda Eva”, vendendo mais de 4 milhões de discos. Chega agora a Portugal para que possamos apreciar vários temas da brilhante carreira que conquistou fãs um pouco por todo o mundo.



CCBEAT

Dias 19, 20 e 21 às 21h00 no CCB

URBANA

O Centro Cultural de Belém quer multiplicar-se em novos sons e novos públicos, numa atitude irreverente e transversal. As novas tendências da música urbana, em três concertos duplos, inauguram essa nova linha de programação musical do CCB. Pelo palco do grande auditório vão passar nomes como Dead Combo, Kaki King, Linda Martini e Aurea, entre outros. Um novo conceito, a não perder.



Groundation – Tributo a Bob Marley

Dia 13 às 22h00 no Coliseu dos Recreios

RAGGAE

Os Groundation são uma das melhores bandas ao vivo do reggae mundial. E, por isso, não haverá melhor legado para continuar a espalhar a música, a mensagem e a energia de Bob Marley. É precisamente essa a energia que veremos em palco quando os Groundation tocarem alguns dos melhores temas alguma vez compostos pelo rei da música reggae. Um tributo inesquecível.



Concertos em Maio

por António Cabral

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

2/5 às 19 horas (Grande Auditório)

A violinista holandesa Janine Jansen e o pianista Itamar Golan. No Programa: Schubert, Brahms, Debussy, Messiaen e Ravel

7/5 às 18 horas (Grande Auditório)

O cravista Pierre Hantai, que muitas vezes nos tem visitado, sempre com êxito, vem interpretar “O Cravo Bem Temperado” (Livro II) de Johann Sebastian Bach.

8/5 às 19 horas (Grande Auditório)

Piotr Anderszewski, pianista, não nos tem visitado menos, quer como solista quer como acompanhante. Desta vez interpreta Bach e Schumann

14/5 às 11 horas; 14/5 às 16 horas;
14/5 às 20 horas; (Grande Auditório)
15/5 às 11 horas; 15/5 às 16 horas;
15/5 às 20 horas; (Grande Auditório)

Conjunto de seis concertos relativos aos últimos anos de criação de Beethoven e Schubert.

Os Interpretes são da melhor qualidade, como é habitual na Gulbenkian: Ian Bostridge (tenor) e Julius Drake (pn.), Belcea Quartet; Imogen Cooper (pn.). As obras são, no domínio da música de câmara, do melhor que se criou.

27/5 e 29/5 às 20 horas (Grande Auditório)

“DIE DREI PINTOS” ópera inacabada de Carl Maria Von Weber (1786/1826), concluída por Gustav Mahler (apresentada aqui em versão de concerto e legendada em português). Vi-, também em versão de concerto, em Paris, há umas boas dezenas de anos. Quem gosta do Weber do “Oberon” e do “Freischütz” vai gostar também.



Janine Jansen

CENTRO CULTURAL DE BELÉM Pequeno Auditório – Sala Eduardo Prado Coelho

13 e 14/5 às 21 horas e 15/5 às 16 horas

“LE CARNAVAL ET LA FOLIE” (O CARNAVAL E A LOUCURA) Comédia-Ballet de André Cardinal Des-touches de 1704. Marcos Magalhães dirige Os músicos do Tejo com os cantores Ana Quintans, João Fernandes e Fernando Guimarães. Encenador: Luca Aprea. Esperemos a mesma qualidade que este grupo nos deu nas representações de “A Spinalba” e de “Lo Frate Ninamurato”.

TEATRO NACIONAL DE S.CARLOS

14/5,16/5,18/5 e 19/5 às 20 horas e 21/5 às 16 horas

O CHAPÉU DE PALHA DE ITÁLIA, ópera do italiano Nino Rota (1911/1979) Nino Rota compôs 10 óperas, 3 Sinfonias, vários concertos, etc., etc. Mas Nino Rota é, pelo grande público, conhecido como autor de música de filmes, 77 ao todo. Inventariemos alguns: todos os filmes de Fellini; os principais de Visconti (“Noites Brancas”, “Rocco e os seus Irmãos” e sobretudo “O Leopardo”); de Renato Castellani (“Sob o Céu de Roma”, “Dez Reis de Esperança” e “Romeu e Julieta”), de René Clement (“Plein Soleil”), de King Vidor (“Guerra e Paz”), e, para não estender mais a lista, de Francis Ford Coppola (“Padrinho I, II e III”).

“O Chapeu de Palha de Itália” é a transposição, para ópera, de uma comédia (do chamado teatro de Boulevard) de Labiche e Marc Michel. Ópera de Boulevard? Talvez um pouco.

Os melhores desenhos de imprensa do mundo estão em Portugal e os trabalhos dos maiores artistas portugueses do século XIX reuniram-se no mesmo museu. Espreite as nossas propostas.



MUSEU DO CHIADO - MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA

Arte Portuguesa do Século XIX (1850-1910)

Até 12 de Junho

Esta é a primeira de três grandes exposições que inauguram o ano do centenário do Museu do Chiado. Perante a impossibilidade de revelar a verdadeira dimensão e a diversidade do acervo numa única exposição, o museu apresenta os três períodos da colecção (1850-1910, 1910-1960 e 1960-2011) em três momentos expositivos sucessivos, que cobrem toda a história da arte portuguesa. A primeira destas exposições corresponde ao núcleo fundador da colecção. Através de 100 obras fundamentais dos maiores artistas deste período, exploram-se as rupturas e permanências da arte portuguesa do século XIX (1850-1910), em seis núcleos temáticos que trazem o espírito da geração romântica e as novidades das propostas naturalistas. Destaque para Simões de Almeida, Alfredo de Andrade, Tomás da Anunciação, Carlos de Bragança, José de Brito, António Carneiro, José Ferreira Chaves, Ernesto Condeixa e Luciano Freire.



SINTRA MUSEU DE ARTE MODERNA

World Press Cartoon Sintra 2011

Até 30 de Junho

O World Press Cartoon Sintra é a mais importante exposição internacional de desenho de imprensa em todo o mundo. Cartoons e caricaturas de autores de todos os continentes proporcionam uma retrospectiva sorridente do que foi a marcha da humanidade ao longo de um ano, vista pelo olhar mordaz dos cartoonistas. Este ano, a mostra que estará patente ao público é composta por cerca de 400 trabalhos. De acesso gratuito, a exposição permite fazer uma viagem através dos melhores desenhos de humor publicados pela imprensa em cerca de 70 países, durante o ano de 2010. O objectivo é distinguir e dar a conhecer os melhores trabalhos produzidos e publicados em jornais ou revistas nas áreas de cartoon editorial, caricatura e desenho de humor, em todo o mundo. Nesta edição, os portugueses João Vaz de Carvalho e Santiago venceram o primeiro e terceiro prémios, na categoria de caricatura.



CASA DAS HISTÓRIAS PAULA REGO, CASCAIS

My Choice: Obras da Colecção do British Council

Até 12 de Junho

São 120 as obras de arte escolhidas por Paula Rego na Colecção do British Council. “My Choice” resulta de uma selecção feita pela pintora entre mais de 8500 obras de artistas britânicos contemporâneos, dos séculos XX e XXI. Na maioria são desenhos e gravuras, mas também fotografias e pinturas, que refletem aspectos temáticos, narrativos e técnicos presentes nas obras de Paula Rego, inspiradas em narrativas como o nascimento, a morte, o amor e o sexo. Destacam-se 39 gravuras de Contos dos Irmãos Grimm, da autoria de David Hockney, 10 fotografias de Madame Yevonde e a pintura “Naked Girl with Egg”, assinada por Lucian Freud. Também estão representados Robert Austin, David Blomberg, Tony Bevan, Frank Auerbach, Michael Andrews, Gerald Brockhurst, Prubella Clough, Charles Conder, John Copley, Ken Currie, Leon Kossof, Percy Wyndham Lewis, Lawrence Stephan Lowry, Roy de Maistre, Jock McFadyen, Henry Moore e Paul Nash.



MUSEU DA ELECTRICIDADE

A Prospectus Archive: os bastidores do São Carlos, Fotografias de Paulo Catrica

Até 22 de Maio

O guarda roupa no silêncio do sótão, candelabros em repouso no armazém, veludos e talha dourada. A antiga sala das costureiras, o camarim do maestro, velhas oficinas e carpintarias. Entre 2005 e 2009 Paulo Catrica viajou pelo interior do Teatro Nacional de São Carlos, percorrendo espaços públicos e mergulhando na privacidade dos seus bastidores. A Prospectus Archive é o resultado desse trabalho fotográfico, que permitiu documentar cenários, alguns dos quais deixaram entretanto de existir. “Há um teatro por detrás do teatro”. Um mundo secreto que é-nos revelado e no qual figuramos “como personagens de uma peça imaginária”, descreve João Pinharanda, comissário da exposição. A Prospectus Archive surge no âmbito de uma parceria entre a Fundação EDP e o TNSC que, em 2005, encomendou a vários fotógrafos um levantamento das instalações daquele que permanece como o único teatro de ópera do país.

As propostas de exposições internacionais são válidas em tempo de férias ou aquando de deslocações de trabalho ao estrangeiro. Seja qual for o seu caso, aqui ficam três sugestões.



Museu do Prado

Fortuny y el esplendor de la acuarela española

Até 4 de Setembro

Depois de criar um espaço para exposições temporárias de colecções do século XIX, o Museu do Prado apresenta agora um conjunto de aquarelas do grande mestre catalão Mariano Fortuny e dos seus discípulos e seguidores. “Fortuny e esplendor de la acuarela española” apresenta a excelência de treze dos melhores artistas de aquarela do século XIX, que atingiram a máxima perfeição no uso desta técnica pictórica. É uma rara oportunidade para ver estas obras que, devido às suas características físicas especiais, não podem ser expostas como habitualmente.

Museu Nacional de Arte da Catalunha Realisme(s). L'empremta de Courbet

Até 10 de Julho

Esta mostra tem um duplo propósito: por um lado, introduzir, pela primeira vez em Espanha, algumas das produções mais importantes de Gustave Courbet - pintor francês que influenciou o ambiente artístico catalão - e, por outro, demonstrar a contribuição de Marti Ramon Alsina na evolução da pintura catalã da segunda metade do século XIX, assim como o seu papel protagonista na introdução do movimento realista na arte espanhola.



Grand Palais

Aimé Césaire, Lam, Picasso

Até 6 Junho

Esta exposição comemora o 70º aniversário da união bem-sucedida entre o poeta Aimé Césaire (1913-2008) e o pintor Wilfredo Lam (1902-1982), “dois irmãos artistas”. Além das pinturas e gravuras de Lam, a mostra conta com peças de Picasso e de outros artistas que se inspiraram nos poemas de Césaire. Inaugura-se assim a homenagem da UNESCO a três dos maiores poetas do século XX: Aimé Césaire, Pablo Neruda e Rabindranath Tagore.

Sabe onde há um Queimódromo? E desfile de viaturas que costumam estar no Museu? No Porto, claro! Por Maria João Duarte

A Queima das Fitas do Porto é organizada anualmente pela Federação Académica do Porto e engloba diversas atividades. De 1 a 7 de Maio, junto ao Parque da Cidade, no Queimódromo, poderá ver este ano: Os Golpes; Xutos & Pontapés; João Só e Abandonados; Miguel Rendeiro; United Soul Brothers (5); Os Pontos Negros; Suede; Jorge Vadio; John Waynes; Hélder Leite (6) Blind Zero; Blasted Mechanism; Kussondulola; Let There Be Rock; Quantitos (7)

Todos os anos, no 10 sábado de Maio (7), a colecção do Museu do Carro Eléctrico sai à rua.

Música

CLUBE LITERÁRIO DO PORTO-PIANO-BAR:

Grupo de câmara da Banda Sinfónica Portuguesa (13); Recital de alunos da Academia de Música de Costa Cabral (14); António Justiça, guitarra clássica (20); José Veloso Rito, piano (21); “Liszt, entre anjos e demónios”, Constantin Sandu, piano (27); “Concerto 5/10 Os sons na História”, Sara Caldeira, piano (28).

COLISEU: “Zeca Sempre - Tour o que faz falta” (14); N. Guerreiro, O. Bilac, Tozé Santos e Vítor Silva homenageiam José Afonso; “Os Gaia-tos” (21); “The National+ Dark Dark Dark” (23 e 24); “STOMP” (25 a 29); Sufjan Stevens (30).

CASA DA MÚSICA: Adriana Calcanhotto - O Micróbio do Samba (9) “Bang On a Can” (10); Bruno Baptista, órgão (15); Jazz: “Teve Coleman and Five Elements” (15) e “Ken Vandermark e Platform 1” (22); “Balkan Brass Battle: Fanfare Ciorcalia versus Boban & Marko Markovic Orchestra”: duas famosas bandas ciganas de metais encontram-se em palco (17); Orquestra Sinfónica do Porto com: “Variações Americanas” (20), “Retratos da América” (22), “A Voz de Mozart” (27) e “Chamamento e Despedida” (4 jun); “Open Strings”, guitarra

portuguesa (24); Philip Glass (25). **CULTUR-GEST:** Alan Bishop & Richard Bishop (6); Hype Williams (20). **PARQUE DA CIDADE:** Ivete Sangalo (20) **TEATRO SÁ DA BANDEIRA:** Marcelo D2 (11); Groundation (14); M. Ward + DM Stith (18).

Exposições

CASA MUSEU MARTA ORTIGÃO SAMPAIO:

“Percursos de uma Família Portuense”.

CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA:

“Porto Intimo” de Aurélio Paz dos Reis (até 15) “Por Terras do Sol e Dor” + Inês D’Orey (até 22). **SERRALVES:** “Recordações da Casa Rosa”, com A. Areal, J. Queiroz e Paula Rego (até 12 Jun.).

MUSEU NACIONAL DA IMPRENSA: “Santa Liberdade, 50 anos:

O D. Quixote que abalou as ditaduras de Salazar e Franco”, exposição documental com o objectivo de mostrar o impacto na imprensa do assalto ao pacote Sta Maria, dirigido por Henrique Galvão e integrado no movimento de Humberto Delgado.

CASA DE ANDRESEN, no Jardim Botânico da Universidade: “A Evolução de Darwin”.

E Ainda...

FEIRA DE ARTESANATO na RIBEIRA (1 e 29). FEIRA DE SAÚDE E BEM ESTAR “AQUA-MEETING” (13 a 15) no EDIFÍCIO DA ALFÂNDEGA. CIRCUITOS GASTRONÓMICOS na CASA DO INFANTE (11h às 13h): Tripas à Moda do Porto (14) e Bacalhau à Gomes de Sá (27).

Em SERRALVES, na Biblioteca: “Incêndios florestais, erosão e desertificação. Três problemas com solução?” (12); no Auditório: Cinema: “Iceberg” de Y. Coutheron e “Rashomon” de A. Kurosawa (dia 15 às 16h)

LIVROS

Todos os meses procuramos apresentar-lhe as melhores propostas de leitura. Dos livros mais comerciais aos mais alternativos, dos autores mais mediáticos aos menos conhecidos. Simplesmente, leia.



Mario Vargas Llosa *O Sonho do Celta*

Aos 74 anos de vida e cerca de 40 de carreira, Mario Vargas Llosa teve finalmente o reconhecimento que nunca procurou. Jornalista, ensaísta, escritor, este peruano recebeu o Prémio Nobel da Literatura no ano passado, culminando este troféu com a publicação do seu 18º romance, que se junta a 13 ensaios e 5 peças de teatro. A mais recente obra, “O Sonho do Celta” tem o estilo inconfundível que caracteriza Vargas Llosa, mas desta vez baseia-se na história real de um irlandês, Roger Casement, cônsul da Inglaterra no Congo Belga no início do século XX, e que passou parte da vida a investigar

e denunciar as atrocidades do regime colonial. Ali e na Amazônia peruana, onde esteve mais tarde a estudar a exploração da população por parte dos transformadores e comerciantes de borracha.

Mas Casement tem outras particularidades. Pela vida pessoal, sim, mas também pelas orientações políticas. Mesmo ocupando um alto cargo na diplomacia das ilhas Britânicas, é um nacionalista islandês, um defensor dos direitos humanos e lutador pela causa do povo que cresceu consigo. É condenado à morte por traição mas a sua forma de estar e agir ensina-nos muito sobre o mundo de há 100 anos.



O Sonho do Celta

Mario Vargas Llosa
Quetzal Editores, 2010



Amin Maalouf *Um Mundo Sem Regras*

É perturbadora a forma como o mundo político nos é apresentado por Amin Maalouf. Jornalista com uma vasta experiência, nasceu no Líbano e tem agora 61 anos. Tem uma visão das relações políticas e religiosas sob a perspectiva árabe, mas sem tomar partido a favor ou contra a orientação que desde sempre o influenciou. Mais perturbador é o facto deste ensaio, “Um Mundo Sem Regras”, escrito em 2009, prever exactamente as convulsões sociais e políticas ocorridas recentemente em países árabes.

O autor analisa o desregramento do mundo, de todo o mun-

do, e não apenas o seu, aquele onde cresceu. Desregramento intelectual, económico e financeiro, social, religioso, político. Uma abordagem muito interessante ao mundo em que hoje vivemos. Maalouf explica que aquele a que chama de “mundo ocidental” é pouco fiel aos seus próprios valores, e que o “mundo árabe” está muito fechado num impasse histórico. E chega a uma conclusão animadora: que a turbulência que atravessamos poderá ajudar-nos a analisar finalmente aquilo que queremos e somos, compreendendo as crenças e as diferenças dos outros, na procura de um futuro comum.



Um Mundo Sem Regras

Amin Maalouf
Difel, 2009

Maria do Carmo Vieira e Gonçalo Wahnnon são os colaboradores da secção de opinião deste mês, com duas propostas bastante interessantes. Envie-nos também as suas crónicas.

Um livro da minha vida

GONÇALO WAHNON



Flannery O'Connor

Um Homem Bom é Difícil de Encontrar

As escolhas de livros sempre foram, para mim, procedimentos enervantes. A primeira vez em que pensei qual seria o livro da minha vida, não consegui deter-me em nenhum. Não há filhos favoritos. Com o passar dos anos, conclui que devia era escolher autores, mais do que obras. Contudo o leque de escritores de mão-cheia que surgiram na minha vida aumentou substancialmente e a dificuldade subsistiu. É que, tal como os filhos, não existem pais favoritos.

Mas há que tentar.

Escolho uma obra que descobri há dois ou três anos e que me empolgou. É um pequeno livro de uma dezena de contos apenas. São histórias poderosas que decorrem no Sul dos Estados Unidos, nos idos anos 40 e 50, amargas, muitas vezes pungentes, que nos falam daquela gente muito simples e religiosa, mas vivendo vidas fantásticas num mundo cínico e agressivo, onde ninguém parece escapar ao seu destino; são contos onde perpassa um humor cáustico e perturbador, dado por uma escrita extraordinária e com finais sempre surpreendentes. Apesar do tempo lento e pesado da acção, lê-se de um fôlego.

Um homem bom é difícil de encontrar é muito mais do que um título apelativo (dirão alguns) e o conto - belo, frio, cruel - que dá o nome ao livro, é o mote para o que iremos encontrar ao longo das suas páginas. Fez-me mergulhar num tempo que sempre me fora trazido até então pelo cinema e que agora revisitei pela força da escrita e das imagens que dela extraí. Escolhi-a por ser uma obra genuína; por não ser apenas mais uma; por pouco se encaixar em cânones. Foi escrito por uma mulher atenta às gentes, ao sítio e à época em que viveu e chamava-se Flannery O'Connor. Morreu muito cedo - de uma doença prolongada e dolorosa e talvez isso explique a força dos contos - e escreveu muito pouco, mas o que nos deixou foi o suficiente para colocá-la no lugar de prestígio que merece.

Aos livros, prefiro escolher os autores da minha vida, mas talvez que a curiosidade por esta obra a faça tornar-se o livro da vida de alguns dos seus futuros novos leitores.

Sei bem como no meio de escaparates a abarrotar de novos títulos todos os dias, um bom livro é difícil de encontrar. Fica a dica...



Um Homem Bom é Difícil de Encontrar

Flannery O'Connor
Cavalo de Ferro, 2006

Um filme da minha vida

MARIA DO CARMO VIEIRA



Mike Newell

Quatro Casamentos e um Funeral

Ainda com o sabor salgado das lágrimas, que teimosamente rolam pelo meu rosto, sempre que revejo o filme que me serviu de inspiração para mais uma crónica, procuro incentivar-vos a ver ou rever um dos filmes da minha vida, intitulado “Quatro Casamentos e um Funeral”, realizado por Mike Newell, em 1994.

Comédia romântica, reveladora do humor britânico no seu melhor, com diálogos inspirados, inteligentes e, em algumas situações, completamente inesperados no seu conteúdo e sentido de oportunidade. Além da excelência dos textos humorísticos, é uma comédia com um toque dramático, dado pela morte de um dos personagens.

Surpreendente na abordagem às desventuras amorosas de um solteirão divertido, distraído e desajeitado, que sendo completamente avesso ao casamento e ao compromisso tem, pela frente, uma verdadeira maratona de bodas, para as quais chega invariavelmente atrasado (“existe uma certa grandeza nos teus atrasos”, diz-lhe Fiona), que culmina na celebração do seu próprio casamento, ou talvez não.

Charles é interpretado por um garbosamente desajeitado Hugh Grant, secundado por um leque de actores absolutamente brilhantes, que constituem o seu grupo de amigos. Nele se inclui David, o seu irmão surdo-mudo, Fiona (elegante e irónica Kristin Scott Thomas) e o seu tolo irmão Tom, o casal de homossexuais Gareth e Mathew e a dispatada Scarlett, com quem partilha o apartamento. São estes solteirões incondicionais, que se questionam sobre a existência do amor verdadeiro, e nos divertem nesta paródia à sucessão de celebrações matrimoniais, tão frequentes nos dois ou três anos subsequentes à saída da universidade, acrescentada à máxima que o casamento é o melhor local para encontrar a cara-metade.

Carrie (Andie MacDowell), a americana que Charles vislumbra numa das bodas, leva-o a apaixonar-se por ela, e após uma série de encontros e desencontros, 4 casamentos e 1 funeral, apercebem-se, finalmente, das implicações do verdadeiro amor.

A morte de Gareth, que cai desfalecido enquanto dançava estuasiasticamente, transporta-nos para um maravilhoso momento de grande intensidade dramática, protagonizado por Mathew (John Hannah), ao ler o poema de W. H. Auden, “*Funeral blues: stop all the clocks, cut off the telephone...*”, no discurso de despedida ao seu amor, durante a cerimónia fúnebre.

Divertido e imperdível, com uma banda sonora recheada de temas de Elton John e o tema “*Love is All Around*”, interpretado pelos Wet Wet Wet, tão parodiado no filme *O Amor Acontece*.

Título original: Four Weddings and a Funeral
De: Mike Newell
Com: Andie MacDowell, Hugh Grant, John Hannah, Kristin Scott Thomas e Simon Callow
Género: Comédia
Reino Unido, 1994



BETAR

**38 ANOS NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

**ALGUNS TRABALHOS CONJUNTOS
COM A ARQ. CRISTINA SALVADOR**

ALTO DO LONGO